

A INTERTEXTUALIDADE NOS QUADRINHOS DE MAFALDAMaria Lima de SANTANA¹ (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: este artigo tem por finalidade apresentar algumas considerações acerca da intertextualidade presente nas histórias em quadrinhos. O nosso objetivo é estabelecer uma relação entre os aspectos intertextuais identificados no *corpus* constituído de 4 (quatro) quadrinhos da Mafalda, e o seu papel como gatilho para a construção de sentido desencadeado nos respectivos quadrinhos. Assim, para a efetivação desse intento, recorreremos, basicamente, aos fundamentos da Linguística Textual sobre o fenômeno da intertextualidade, tomando também como ponto de referência o diálogo com autores como Koch et al(2007), Bakhtin(1997), Fiorin(1999), entre outros. Como resultado dessa investigação, observamos que o uso adequado do recurso da intertextualidade pode enriquecer qualquer texto, independente do gênero, sendo de grande relevância para a construção dos sentidos do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade. Quadrinhos. Construção de sentido.

1 Introdução

Estudiosos das mais diversas áreas da linguagem como Análise do Discurso e Linguística Textual, entre outras, comungam do pensamento de que todo texto apresenta, por menor que seja a intensidade, relações intertextuais com textos já lidos. Relações essas que contribuem de forma significativa para a construção de sentido do texto. Conforme o pensamento de Bakhtin (2003), cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação, ou seja, existe um contato entre os enunciados proferidos em todo e qualquer processo comunicativo. Então, partindo do pressuposto de que todo texto está imbricadamente relacionado a outros textos, este estudo apresenta uma abordagem acerca da relação entre intertextualidade e construção de sentido nas HQ. Com essa convicção de que todo texto é resultado de outro texto, ou seja, nunca o texto é único, já que está sempre relacionado a outros já existentes e, percebendo nesse diálogo o caminho principal que nos permite compreender seus diversos sentidos, acreditamos que a intertextualidade é um meio de compreensão e caracterização no que se diz respeito à identificação e à construção de sentido de um texto. Dessa forma, a intertextualidade permite ao leitor atento ser capaz de identificar os diferentes sentidos existentes em um texto, visto que, na maioria das vezes, estes sentidos não estão explícitos *a priori*, obrigando o leitor ir em busca destes, pois em todo texto existe uma multiplicidade de interpretações possíveis.

No primeiro momento, deste trabalho apresentaremos algumas noções teóricas da intertextualidade, a partir de uma revisão bibliográfica elementar de alguns conceitos-chave dentro do campo da Linguística Textual e, nesse sentido, dialoga-se com autores como Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Fiorin (2006), Dionísio (2008), dentre outros.

¹ Mestranda pela Universidade Federal do Piauí

No segundo momento, serão apresentadas algumas discussões sobre a evolução das HQs. Em seguida, teremos a análise dos quadrinhos e as considerações finais. É importante, também, destacar que não foi determinado nenhum tópico para abordar especificamente sobre gênero textual haja vista não ser esse o foco deste estudo. Portanto, a importância aqui será destinada apenas ao fenômeno da intertextualidade presente no gênero história em quadrinhos.

Assim sendo, este estudo tem como pretensão propor uma discussão acerca da relevância da intertextualidade nas HQs, verificando não apenas enunciados escritos, mas também a relação existente que se intermedia entre a imagem e a linguagem presentes nas respectivas HQs. Para isso, foram selecionados 4 (quatro) quadrinhos de Mafalda, que nos possibilitaram constatar a importância da intertextualidade no gênero estudado. Fazemos a conjectura de que a intertextualidade implícita, tanto com valor de captação quanto com valor de subversão (GRÉSSILON; MAINGUENEAU, 1985), é o tipo mais frequente na construção do gênero investigado.

2 Algumas noções teóricas acerca da intertextualidade e construção de sentidos

Optamos por iniciar essa discussão apresentando uma afirmação de Bazerman (2007, p.87) “Quase todas as palavras e frases que usamos já havíamos ouvido ou visto antes”. Essa afirmação corrobora a ideia aqui defendida acerca da intertextualidade, fenômeno apresentado por Beaugrande & Dressler (1981) como um dos princípios de construção de sentido do texto. O fato do leitor compreender a referência de determinadas palavras ou frases dentro de um texto qualquer possibilita-o a produzir sentido em contextos específicos.

A intertextualidade tem sido um tema produtivo nos estudos linguísticos da atualidade como podemos perceber nos trabalhos de Koch *et al* (2007), sendo o foco de pesquisa em diferentes linhas teóricas, além da Linguística de texto, a exemplo da Teoria Literária e da Análise do Discurso. Sumariamente, esse termo significa, segundo Koch *et al* (2007), que todo texto possui uma relação dialógica com outros textos predeterminados. Salienta Fiorin (1999) que a ideia nuclear das relações denominadas por intertextuais apareceu pela primeira vez no início do século XX apresentada por Bakhtin como sendo uma forma de analisar e reconhecer as relações intercambiais que existem entre textos e autores, vindo a representá-las como dialogismos. Diálogos estes que são reconhecidos, também, por outros autores com denominações como intertextualidade, polifonia.

Segundo Bakhtin (2003), as relações dialógicas entre textos ocorrem não apenas no quadro face a face, mas se entremeiam em todos os enunciados, independente de sua dimensão. É válido ressaltar que esse diálogo intertextual, defendido por Bakhtin, é denominado em 1969 como intertextualidade, termo este mencionado pela primeira vez por Kristeva.

O termo intertextualidade refere-se aos diálogos que os textos mantêm entre si. Referências feitas, de forma implícita ou explícita, a textos já vistos ou lidos anteriormente com o objetivo de reafirmar ou consolidar o texto atual.

Um texto sempre está em contato com outros, respondendo, refazendo e reafirmando escritos anteriores. Assim sendo, como pensar um texto puro, sem marcas de outros já vistos? Como imaginar um texto único? **Diante das discussões entre autores que trabalham com o tema em questão, entendemos que é um fato, de certa forma, impossível de se perceber.** A relação intertextual é a maneira como o autor prestigia as palavras, observações, pontos de vista, textos e falas de outros autores. Assim, essa relação vem, também, confirmar o texto de quem está citando. Este prestígio referente às palavras são marcas do propósito do autor para

a ação comunicativa em discussão. Kristeva considera que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p.60, apud KOCH ; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p.14). Assim, muitas vezes, a referência a outro texto é muito sutil, cabendo ao leitor “desvendar” esse mosaico.

Na mesma linha de pensamento, Maiguenau enfatiza que “um discurso não vem ao mundo numa inocente solitude, mas constrói-se através de um já-dito em relação ao qual toma posição” (MAINGUENEAU, 1976, p. 39, apud KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p.14)

Frisamos, ainda, que a intertextualidade está relacionada ao fenômeno de transformação, construção e produção de sentido. Para isso, faz-se necessário que, numa perspectiva intertextual, leitor/autor busque na memória textos já conhecidos, já lidos que irão contribuir na produção de sentido de um texto atual, pois os sentidos são construídos e/ou produzidos por meio de um texto anterior.

É importante lembrar que o autor, ao confirmar o texto do outro, está afirmando que acredita no dizer do outro como certo e verdadeiro, além de convincente. Acredita que o já dito pode confirmar o dizer do momento. Qualquer texto apresenta em maior ou menor grau, relações intertextuais com outros textos. Como bem já afirmou Bakhtin (2003), todo texto é resultado de outros textos, não existindo assim um texto adâmico. O texto ganha novo sentido quando em contato com um outro texto. O autor ainda acrescenta,

o texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, ilumina tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos. Por trás desse contato está um contato de personalidades e não de coisas. (BAKHTIN,1986: 162, apud KOCH, BENTES E CAVALCANTE, 2008,p.16)

Seguindo o pensamento de Bakhtin, Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.16) ressaltam que “todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior”. Essa heterogeneidade nada mais é do que a relação que fomenta esses textos, ou seja, esses textos são formados a partir de outros os quais lhe deram origem, direta ou indiretamente, por meio da linguagem verbal ou não-verbal.

Segundo as autoras, a ideia de intertextualidade está relacionada ao conhecimento de mundo do interlocutor, visto que a produção e a compreensão de um texto depende do conhecimento que os interlocutores têm de outros textos, das relações entre esses textos, assim salientam as autoras, “a inserção de ‘velhos’ enunciados em novos textos promoverá a constituição de novos sentidos”. É salutar frisar, ainda, que como leitores podemos perceber os intertextos a que o autor do texto está fazendo alusão, bem como identificar com que propósito tal alusão foi feita.

Barthes (1974 apud KOCH, 2008, p.59) afirma que

o texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

É importante lembrar que esse pensamento de Barthes é o que faz Koch *et al* consolidar o texto como heterogêneo, conforme mencionado anteriormente. É de se observar, também, que ao considerar os textos como contidos em outros textos, em níveis variáveis e de forma mais ou menos reconhecíveis, Barthes nos remete a apresentar, para evitar o risco de

uma visão muito ampla sobre intertextualidade, os tipos de intertextualidade apresentados por Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 17-62), destacando a intertextualidade *stricto sensu* que, segundo as autoras, “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido”.

As autoras identificam quatro formas de representação intertextual *stricto sensu* a saber:

- (1) Intertextualidade explícita, quando os textos que fazem menção à fonte do intertexto;
- (2) Intertextualidade implícita, quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte;
- (3) Intertextualidade temática, quando os textos abordam o mesmo tema, sobre o mesmo acontecimento, um livro e o filme ou novela que o encenam, as várias encenações de uma mesma peça de teatro;
- (4) Intertextualidade estilística, quando textos imitam, repetem determinados estilos ou variedades linguísticas.

Além dessas quatro formas de representação intertextual acima mencionadas, Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 10) defendem a intertextualidade em sentido amplo (*lato sensu*) como sendo “constitutiva de todo e qualquer discurso”.

Partindo dessa noção de intertextualidade *stricto sensu* é importante, ainda, ressaltar os mecanismos de representação intertextual, tais como citação direta; citação indireta; menção a pessoas, documentos; comentário ou avaliação de uma declaração, de um texto; uso de estilos reconhecíveis, de terminologia associada a determinadas pessoas ou grupo, ou ainda de documentos específicos. Bazerman (2006, p.94-96 apud DIONÍSIO 2008, p. 125).

Dependendo da técnica intertextual, utilizada pelo autor do texto para fazer alusão a um texto qualquer, varia o grau de dificuldade/facilidade de identificação do intertexto. Por isso é válido ressaltar, também, que a intertextualidade pressupõe um universo cultural muito amplo por parte do leitor/autor, pois esse fenômeno implica identificação e/ou reconhecimento de remissões a obras ou textos, além de levar esse interlocutor a descobrir a função de determinada citação/alusão em um texto qualquer, assim sendo, é importante atentar para o fato de que essa constituição de novos sentidos depende relevantemente do conhecimento prévio que autor/leitor tem do texto.

No mesmo sentido, esclarece Bazerman (2007, p. 92),

quando lemos, utilizamos o conhecimento e a experiência de textos que havíamos lido antes para construímos os sentidos do novo texto e, enquanto leitores, observamos os textos que o escritor invoca direta ou indiretamente.

Nesse sentido, percebe-se o quanto é importante que autor/leitor tenha um universo de leitura bem apurado e diversificado, para assim perceber a ocorrência da intertextualidade, assim como as técnicas intertextuais como bem destacou o autor citado. Não basta saber o que vem a ser este princípio de textualidade denominado intertextualidade, é imprescindível reconhecer dentro do texto como funciona esse processo, que técnicas foram utilizadas para a remissão a outros textos.

Pretendemos dessa forma, identificar como as marcas da intertextualidade são evidenciadas nesse gênero textual. Para isso, buscaremos nos referidos quadrinhos, as marcas de intertextualidade *stricto sensu*, bem como da intertextualidade *lato sensu*. No próximo tópico, estaremos debruçando o olhar sobre o conceito e evolução das HQs, gênero textual que faz uso da intertextualidade, levando os diferentes leitores a buscar na memória textos anteriores para dar coerência aos quadrinhos.

3 Um olhar sobre a história em quadrinhos

É consensual entre os interessados nos estudos das histórias em quadrinhos (HQ), como Barbosa (2009), Ramos (2009), dentre outros que este gênero é muito especial, não apenas pelas suas particularidades, ser contada em quadros, por meio de imagens, mas pela sua extensão significativa. É fato que as histórias em quadrinhos representam atualmente um meio de comunicação de massa que tem grande aceitação popular, visto que tem um público leitor amplo e diversificado, como bem ressalta Barbosa *et al* (2009, p.7) “Mesmo o aparecimento e a concorrência de outros meios de comunicação e entretenimento, cada vez mais abundantes, diversificados e sofisticados, não impediram que os quadrinhos continuassem, nesse início de século, a atrair um grande número de fãs.”

A HQ, como literatura cujo objetivo é entreter o leitor, abrange um público de destaque, que, como leitura de entretenimento que se propõe, envolve não apenas crianças e adolescentes, mas também leitores adultos. Assim, esse gênero, por ter uma acentuada dimensão como produto cultural, alcança leitores de diferentes faixas etárias, bem como de culturas e posições sociais diferentes. (BARBOSA *et al*, 2009).

É notável que a história em quadrinhos constitui um gênero literário que tem sido de alguma forma ignorado no meio acadêmico, apesar de ter grande importância como parte da cultura de massa. O que se percebe, pelo pensamento de Barbosa *et al* (2009, p.7), é que

por representarem um meio de comunicação de vasto consumo e com conteúdo, até os dias de hoje, majoritariamente direcionado às crianças e jovens, as HQs cedo se tornaram objeto de restrição, condenadas por muitos pais e professores no mundo inteiro. De uma maneira geral, os adultos tinham dificuldade para acreditar que, por possuírem objetivos essencialmente comerciais, os quadrinhos pudessem também contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores.

De certa maneira, pais e educadores não acreditavam que as histórias em quadrinhos tivessem algum valor educativo, acreditavam inclusive que a leitura de HQ pudesse afastar os jovens leitores de uma leitura mais densa, de conteúdos mais “necessários”, por isso a HQ ter encontrado grande resistência para a entrada em sala de aula. Assim, a leitura da HQs durante muito tempo, no Brasil com em muitos outros países, foi considerada como ameaça para o desenvolvimento intelectual de crianças e de jovens.

Mas é importante destacar que essa ideia mudou e, como consequência, se tem hoje a HQ como grande aliada no processo de construção de leitura de jovens e de adultos. A inclusão dos quadrinhos na sala de aula possibilitou um grande avanço, visto que facilitou ao jovem leitor ampliar seu leque de meios de comunicação, “incorporando a linguagem gráfica às linguagens oral e escrita, que normalmente utiliza” (VERGUEIRO, 2009). Além disso, os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito da leitura, conforme podemos perceber na afirmação de Vergueiro, *et al* (2009) “[...] os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livro.” A história em quadrinhos permite uma leitura instantânea, visto que as imagens contribuem para isso. Essa é uma das razões das crianças terem grande afinidade com esse gênero, pois além da decodificação dos símbolos abstratos da linguagem, fazem a leitura das imagens.

Vergueiro aponta várias vantagens para jovens e adultos que lêem HQ, dentre elas podemos citar que os quadrinhos enriquecem o vocabulário, ajudam no desenvolvimento do ato de pensar e de imaginar, têm caráter globalizador e podem ser utilizados em qualquer nível escolar.

É fato incontestável também que as histórias em quadrinhos possuem imensa profusão de linguagem intertextual, sendo um rico recurso para a análise textual, fator de relevância para a

escolha desse gênero na produção deste trabalho. Entretanto, temos ciência de que a construção da relação aqui proposta para investigação depende, necessariamente, da capacidade dos interlocutores recuperarem prontamente o intertexto na memória social ou na memória discursiva.

4 Análise do corpus

A priori, uma observação relevante acerca das formas de intertextualidade nas quatro histórias em quadrinhos selecionadas é que cada uma apresenta, mesmo que sutilmente, intertextualidade implícita, exigindo do leitor uma ativação da memória, pois o intertexto faz parte da memória social dos interlocutores.

Segundo Koch et al(2007), “a intertextualidade implícita sem qualquer menção explícita da fonte, tem o objetivo quer de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo em sentido contrário”. No que se refere aos quadrinhos analisados, percebemos que o propósito da citação ora é seguir a orientação argumentativa, ora é contradizer.

Se a intertextualidade é uma característica de todos os textos analisados, a forma e a intensidade com que os textos reportam a outros textos, ao nosso ver, não varia muito, até porque as histórias selecionadas são do mesmo autor, como se pode perceber na análise.

Optamos por apresentar os quadrinhos selecionados para a posteriori explanar a análise que fora feita. Vejamos cada quadrinho a seguir.

Figura 1 - *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



Figura 2 - *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



Figura 3 - *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



Figura 4 - *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Para a efetivação da análise das HQs proposta neste estudo, tomamos como base as referências teóricas defendidas por Koch et al (2008). Apoiado no trabalho das referidas autoras, encontramos subsídios para compreender e identificar as formas de intertextualidade presentes nos mais variados textos, conforme identificado nas HQs selecionadas para a concretização das ideias defendidas.

Para esse sucinto estudo, selecionamos 4 (quatro) quadrinhos da personagem Mafalda². Esta personagem de Quino é uma garota que a priori parece normal, está iniciando a vida escolar, mas o que mais chama a atenção nos seus leitores é a autenticidade de sua personalidade. Mafalda é contestadora, pertence a um país cheio de contrastes sociais, o que a deixa muito enraivecida, pois odeia injustiça, assim como odeia sopa. É muito preocupada com as questões políticas de seu país. Como bem a definiu Umberto Eco (Toda Mafalda, 2008) “Mafalda vive numa dialética contínua com o mundo adulto”, é questionadora, vive querendo explicações dos adultos. Está sempre insatisfeita. Mafalda se envolve com o meio em que vive, esta foi uma das razões da escolha dos quadrinhos da personagem.

Partimos, destarte, para a análise dos quadrinhos selecionados, a fim de demonstrar as referências intertextuais encontradas nas tirinhas da Mafalda, considerando esse fenômeno como importante recurso na construção de sentido do texto. A primeira a ser analisada, **figura 1**, apresenta uma discussão entre Mafalda e Manolito, seu amigo. O que percebemos é que o

² Todos os quadrinhos utilizados para o desenvolvimento deste artigo estão disponíveis no livro *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

leitor, para compreender a marca intertextual, necessita de uma compreensão retórica e pragmática, pois a retomada é feita de forma bem geral, visto que a intertextualidade, na verdade, é percebida não com um intertexto, mas com o contexto social. Veja no último quadrinho “Que o problema é a minha cara de *déficit*”. Observe que é feita uma comparação com a situação econômica do país.

Assim, para que o leitor entenda como era a cara do personagem Manolito pela fala da Mafalda, faz-se *mister* conhecer a má situação econômica do momento. Dessa retomada, percebemos que para o pai de Manolito, este não lhe dará bons resultados nos estudos. Manolito terá baixo rendimento nos estudos.

Na **figura 2**, encontramos de início o argumento da mãe de Mafalda para que a filha (Mafalda) tome a sopa e, de pronto percebemos que Mafalda faz uma alusão a Marx. Nesse caso, acreditamos ter um exemplo típico de intertextualidade implícita, pois constatamos que o termo Marx faz parte da memória social dos leitores, podendo ser facilmente identificado. É imperioso perceber, nesse caso, a confirmação de Koch et al (2008, p. 31) acerca da necessidade de conhecimento de mundo do leitor para a construção de sentido do texto. “..na intertextualidade implícita com valor de subversão, ‘a descoberta’ do intertexto torna-se crucial para a construção do sentido”. Aqui verificamos que se o leitor não conhecer a história política e socialista de Karl Marx, não compreenderá o propósito do que é dito no último quadrinho “como este mundo seria tranquilo se Marx não tivesse tomado sopa”. Karl Marx foi um intelectual e revolucionário alemão fundador da doutrina comunista, esse é o fato de Mafalda afirmar que se ele não tivesse comido sopa o mundo seria mais tranquilo, ou seja, não teria tantas revoluções em busca da igualdade.

Na terceira figura analisada, percebemos, também, uma intertextualidade implícita, haja vista fazer referência ao intertexto “imagem” do Pensador (principal obra de Auguste Rodin, que representa uma imagem de meditação profunda que busca a natureza dos próprios pensamentos). É interessante que, no primeiro quadrinho, Mafalda mostra a revista para Filipi, acreditando que o garoto sabe do que ela está falando, mas já no terceiro quadrinho, percebemos seu espanto por verificar que Filipi não sabe de quem ela fala. E, no último quadrinho, a expressão do rosto de Mafalda é de desapontamento mesmo porque Filipi é indiferente à imagem apresentada se contrapondo a figura do Pensador que remete indubitavelmente a um ser intelectual.

A imagem demonstra que o ser que pensa eleva-se a um patamar bem superior ao mundo físico e intelectual, entra no domínio da alma, o maior dos universos. A estátua retrata um homem em meditação soberba, lutando com uma poderosa força interior, por isso Mafalda o denomina de “Deus da telepatia”. Mafalda acredita que O pensador tem a capacidade de ver e sentir à distância sem fazer nenhum esforço físico.

Nesse exemplo, percebemos que a intertextualidade temática foi privilegiada, pois o texto do quadrinho partilha do mesmo tema do quadro original de Rodin. E, é verdade que Filipi não conseguiu dá sentido à imagem, visto que não sabia do que se tratava. Por isso, mais uma vez confirmamos a importância do conhecimento de mundo para a produção de sentido do texto.

Na **figura 4**, pudemos verificar uma intertextualidade implícita, os nomes de Napoleão, Beethoven e Newton é uma forma de intertexto, o qual percebemos com a conclusão do quarto quadrinho quando Mafalda diz “solzinho bacana que a gente está tomando!”. Aqui fica evidente que Mafalda tem conhecimento da mente “brilhante” dos donos dos nomes citados, por isso ela diz que o sol que está tomando é bacana, faz referência à admiração que tem pelos três nomes.

Nesse exemplo, verificamos mais uma vez que é imperativo que o leitor/ouvinte tenha um conhecimento de mundo bem apurado, pois só assim dará sentido ao que está escrito nos

quadrinhos. Se não conhecer quem é Newton, Beethoven e Napoleão, impossível será entender o sentido do último quadrinho, ou seja, o porquê do sol ser bacana.

Como corrobora Koch et al (2007) “nos casos de intertextualidade implícita, o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto”. Percebemos, também, que houve uma captação.

5 Considerações finais

No percurso de desenvolvimento desse estudo, foi possível perceber e confirmar a importância de se compreender o fenômeno da intertextualidade na leitura e na produção de um texto, especificamente no que diz respeito à produção de sentido. Faz-se necessário a retomada de outros textos, visto se confirmar que realmente não existe texto puro, todo texto tem, mesmo que sutilmente, referência intertextual.

Confirmamos, portanto, a teoria tomada como base para este estudo, a qual defende uma relação entre os textos. Verifica-se que o que prevíamos no início deste estudo se comprova com a finalização da análise. O uso adequado do recurso da intertextualidade enriquece qualquer texto, independente do gênero, sendo de grande relevância para a construção dos sentidos do texto.

Ressaltamos a importância de se ter atenção no momento da produção e/ou recepção de todo texto para que se perceba o intertexto, a fim de facilitar a construção de sentidos. Assim, podemos afirmar que a percepção da intertextualidade é muito complexa, visto depender do grau de conhecimento sociocognitivo do leitor/ouvinte/autor.

Com esse estudo foi possível averiguar, também, que as histórias em quadrinhos são ricas fontes de conhecimento, portanto a cada dia deve ser incentivada, nas escolas, sua leitura. É esse um gênero textual que possibilita fazermos uma leitura considerando não apenas os aspectos linguísticos, mas também o formato das gravuras, cores, formato dos balões, tudo produz sentidos. E, no caso dos quadrinhos da Mafalda, nos é possibilitado também fazer uma leitura crítica dos quadrinhos, relacionando-os à questões de cunho social.

Referências

- BARBOSA, Alexandre. RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3 ed., 3ª impressão – São Paulo: Contexto, 2009.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Dialogismo e construção de sentido*. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 2008.
- _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. *Linguística II*. Curitiba: IESD BRASIL SA, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- ELIAS, Vanda Maria & KOCH, Ingedore G. Villaça. *Ler e Compreender – os sentidos do texto*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Introdução à linguística Textual*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ *O texto e a construção dos sentidos*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore G; BENTES, Anna Christina ;CAVALCANTE, Mônica Magalhães; *Intertextualidade-diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

RAMOS, Paulo & VERGUEIRO, Waldomiro. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

WATTERSON, Bill. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Haroldo*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Conrad, 2007.

QUINO *Toda Mafalda*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.